

RUMO AO VALE DAS CATANDUVAS: ANDANÇAS, PAISAGENS E PERCEPÇÕES NOS CAMINHOS DO INTERIOR BAIANO NAS DÉCADAS DE 1910 E 1920

TOWARDS THE CATANDUVAS' VALLEY: WANDERINGS,
LANDSCAPES AND PERCEPTIONS IN THE PATHS OF THE
BAHIA'S BACKLAND DURING THE 1910S AND 1920S

Eudes Marciel Barros Guimarães

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Franca

Correspondência:

Av. Eufrásia Monteiro Petrágia, 900 - Jd. Dr. Antonio Petrágia

CEP: 14409-160 - Franca, SP - Brasil

Resumo

Neste trabalho pretende-se investigar alguns documentos – entre relatos de viagens, fotografias, memórias e matérias de jornais e revistas – acerca dos sertões baianos produzidos nos anos 1910 e 1920, especialmente aqueles que tratam da região referenciada como *alto sertão*. A partir do questionamento de paradigmas recorrentes acerca do sertão como espaço vazio e monótono, objetiva-se fazer uma leitura que possa identificá-lo como um espaço labiríntico, isto é, difícil de compreender em seus aspectos naturais e socioculturais.

Palavras-chave: Sertões baianos; Paisagens; Percepções.

Abstract

The research intends to investigate some documents – including travel reports, photographs, memoirs and newspaper articles and magazines – about backland of Bahia produced in the early 1910s and the late 1920s, especially documents relative to a region called *alto sertão*. This work aims to unhorse currents paradigms about the back-land like vacuity and monotone space. With that, we intent to make an interpretation of backland like labyrinth space, that is, difficult to comprehend in your natural, social and cultural aspects.

Keywords: Backland of Bahia; Landscapes; Perceptions.

“Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução.”¹ Em conjunto, essas palavras de Walter Benjamin não teriam o efeito de sentido alterado se trocássemos as posições de natureza e artifício. Para quem se perde numa floresta ou numa cidade, são preciosas quaisquer pistas que venham a iluminar um caminho. Todavia, aquele que deseja se perder em busca de surpresas e espantos, beirando constantemente o perigo e o alumbramento, necessita estar disposto ao sensível, atentar-se às contingências, ao informal e aos pormenores que, servindo como instruções, compõem uma arte para percorrer o labirinto. “Nesse caso, o nome das ruas deve soar [...] como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade deve refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro.”²

Para a grande maioria dos sertanistas e viajantes, especialmente os intelectuais-cientistas, que percorreram o interior do Brasil entre meados do Império e o final do primeiro período republicano, a escolha por deixar-se perder não era a mais plausível. Pelo contrário, desejavam a certeza do caminho e a confirmação dos aspectos do modo de vida “rústico”, de ritmo “lento” e “monótono”, das populações país adentro. Afinal, cabiam-lhes o mapeamento, o conhecimento e a integração do sertão na civilização e no progresso.³ Muitos deles deparavam-se, entretanto, com labirintos difíceis de serem percorridos. Se o propósito não era insistir no desconhecimento, recorreriam às imagens de sertão como um lugar outro, contrário ao que conheciam, para daí instrumentalizar suas visões e análises, fortalecendo, assim, os principais paradigmas que desde o final do Oitocentos faziam-se sentir: o sertão como um lugar do isolamento, do abandono, da monotonia...⁴ Já no início do século XX, foram inseridos outros artifícios de leitura, tais como: “o Brasil é ainda um vasto hospital” (Miguel Pereira) e “não nos iludamos, o ‘nosso sertão’ começa para os lados da Avenida” (Afrânio Peixoto).⁵ Mesmo vicejada a autenticidade do sertão e do sertanejo, quase

¹ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única* (Obras escolhidas II). 5. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.73.

² *Ibidem*.

³ Cf. LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ; UCAM, 1999.

⁴ Há uma vasta bibliografia acerca da categoria “sertão”, especialmente quando tratado como alteridade geográfica e social da nação brasileira. Sobre esse aspecto, cf. SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997. Além disso, para uma apreciação mais genérica, cf. AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p.145-191. Para uma discussão mais recente, cf. SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya (orgs.). *Sentidos do Sertão*. Goiânia: Cãnone, 2011. As reflexões sobre “sertão” também implicam a questão das “fronteiras”; acerca disso, cf. GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia; LOPES, Maria Aparecida de Souza (orgs.). *Fronteiras: paisagens, personagens, identidades*. São Paulo: Olho D’Água, 2003.

⁵ Uma discussão mais pormenorizada sobre o contexto dessas frases dos médicos Miguel Pereira (1871-1918) e Afrânio Peixoto (1876-1947), bem como da visão que sanitaristas difundiram sobre o Brasil na década de 1910, pode ser lida em HOCHMAN, Gilberto. Logo ali, no final da avenida: *Os sertões redefinidos pelo movimento sanitário da Primeira República*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. V, suplemento, 1998, p. 217-235.

sempre essas leituras levavam ao mesmo lugar: um espaço abandonado, atrasado e de gente sem instrução.

Tendo o olhar voltado ao interior do país, muitos “desbravadores”,⁶ desde o período imperial, desejavam embrenhar-se pela natureza selvagem para operar uma transformação no sentido de potencializar determinado espaço. A aventura de Teófilo Ottoni na região do Mucuri, em Minas Gerais, sinaliza tais aspectos em meados do século XIX:

[...] nessa época pode-se afirmar que a aventura transformadora havia iniciado de fato, trilhas e caminhos surgiam em meio à selva virgem, engenheiros estudaram a topografia do vale e o leito dos rios. Planeja-se a melhor forma de se avançar com as forças transformadoras do progresso. Tudo devia ser pensado, os riscos avaliados, nada escaparia à régua e ao compasso da legião civilizatória desses novos aventureiros. O caráter épico que Ottoni sempre procurou dar à sua iniciativa seria peça fundamental em sua própria estratégia de legitimação.⁷

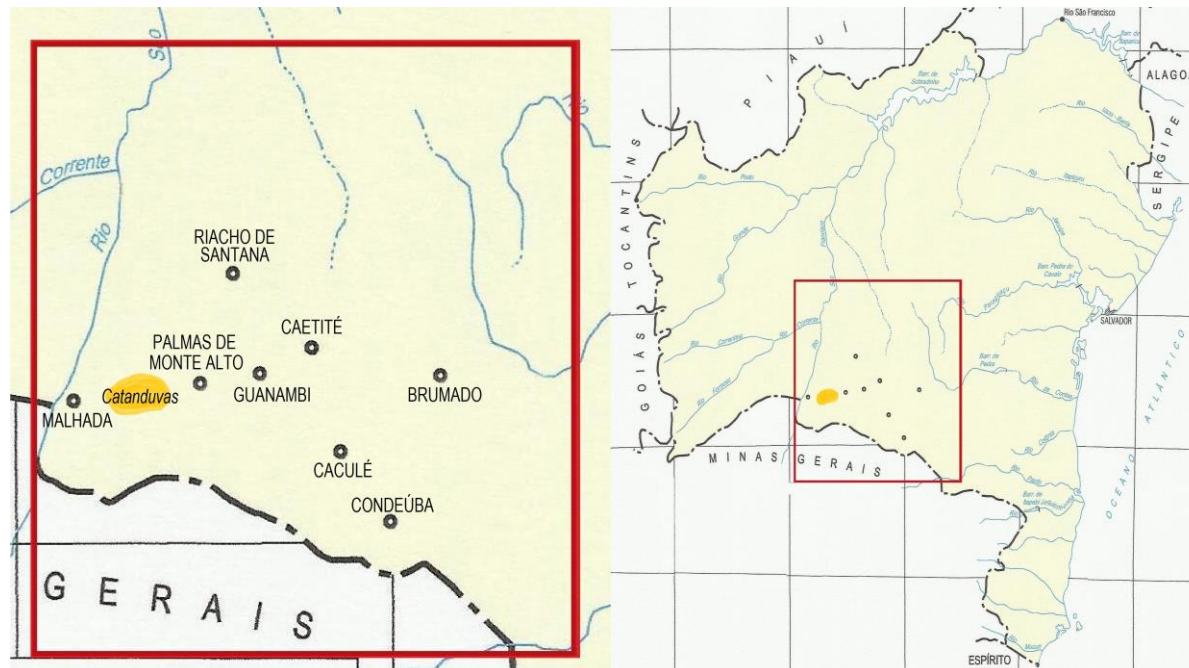
Com o passar do tempo, os ventos da euforia fizeram sentir muito mais a frustração do que o êxito dos resultados esperados de empreitadas épicas. Os trabalhos cartográficos existentes apresentavam-se lacunares e com erros grosseiros. Antes de transformar o interior brasileiro era preciso conhecer suas características geomorfológicas e socioculturais. No primeiro período republicano, houve várias investidas no esquadramento dos sertões impulsionadas por interesses diversos, não somente científicos, mas, sobretudo, políticos e ideológicos. No interior baiano, por exemplo, foram realizados vários estudos – alguns publicados na *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia* – e empreendimentos, de diferentes instituições, que abarcavam vastas áreas do Estado. Alguns documentos que daí resultaram serão tratados na sequência e, por meio deles, tentarei sondar a percepção de um espaço labiríntico – difícil de compreender tanto nos seus aspectos naturais como também socioculturais⁸ – nas entrelinhas de documentos escritos e elaborados de acordo com os parâmetros de objetividade da época.⁹

⁶ Sobre o sentido de “desbravadores” utilizado neste trabalho, cf. SEVCENKO, Nicolau. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. *Revista USP*, n. 30, jun./ago. 1996, p.110-111.

⁷ ARAUJO, Valdeci Lopes de. Teófilo Benedito Ottoni: a força histórica de uma experiência moderna. In: _____ (org.). *Teófilo Ottoni e a Companhia do Mucuri: a modernidade possível*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais; Arquivo Público Mineiro, 2007, p.24.

⁸ A ideia de sertão como um espaço labiríntico, isto é, lugar por excelência do errar e do se perder, é trabalhada por Willi Bolle numa interpretação do romance roseano *Grande Sertão: Veredas*. Cf. BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

⁹ “Grande parte das vezes, há uma distância entre o momento da tomada de notas, impressões, esboços e rascunhos pelo viajante e a organização de um texto narrativo definitivo, ou da pintura, que passa por outro crivo em que se imiscuem e alternam as notas, a memória e a organização a partir de cânones artísticos e literários, assim como do lugar que possa vir ocupar na cultura mais ampla.” NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed. UnB, 2004, p.146.



Mapa 1. (Adaptado). Alto sertão baiano (em realce). Destaque para algumas das principais cidades.

Fonte: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2007.

Impressões de um geógrafo viajante

Iniciemos pelo itinerário do geógrafo alemão Otto Quelle que empreendeu algumas viagens pelo interior da Bahia no final da década de 1920, tendo por objetivo preencher as lacunas sobre a História Natural e a geografia do Estado. Nessa investida, quando adentrou o alto sertão, indo em direção a Caetité, tomou as seguintes notas:

Atravessávamos a região dos mananciaes, do alto rio de Contas, desde Condeúba, em rumo NW, até Caetité. [...] A região ondulada que percorremos é, na maior parte, coberta por matta xerophila e catinga; rara é a terra de lavoura, e ainda mais raros e pobres, ao mesmo tempo, são os pequenos povoados, como Tremendal ou Periperi; também a Villa de Condeúba é insignificante. Essa região, retirada e evitada de todo o trânsito commercial, mudou muito pouco no último século. As descrições de viagem de Spix e Martius, que percorreram esta zona há mais de cem annos, ainda servem para a actualidade.¹⁰

¹⁰ QUELLE, Otto. Relatório das viagens de estudo na Bahia. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo 106, vol. 160, 2º de 1929, p.13. Não foram encontradas, até esse momento, informações sobre a tradução e dados do tradutor do artigo, originalmente publicado na revista *Ibero-Amerikanisches Archiv*, do instituto alemão do qual Quelle fazia parte.

Este trecho refere-se a uma parte do percurso depois de galgar, por vários dias, matas e altiplanos. Trata-se do alto sertão baiano, e essa paisagem predomina no relatório até Bom Jesus da Lapa, no rio São Francisco, condensando centenas de quilômetros. O alto sertão baiano compreende uma “região imaginária” referente a uma vasta área do interior do estado.¹¹ Por ser imaginária, não há fronteiras delimitadoras, o que nos permite fazer uma assinalação apenas elucidativa – como se pode ver no mapa 1. É, pois, um espaço diverso, embora com características que permitiram construir historicamente uma trama regional. Entre um povoado e outro, havia áreas que deixavam o viajante forasteiro em situações embaraçosas, como os “monótonos altiplanos” sinalizados por Quelle ou as traçoceiras “Catanduvás” descritas por outro viajante.

O cientista estava imbuído de pressupostos científicos da época e de instrumentos de leitura devedores dos resultados da Revolução Industrial e, especialmente, da Revolução Científico-Tecnológica que, com seus diferentes inventos, possibilitou novas formas de lidar com o espaço geográfico.¹² Sua bagagem incluía percepções influenciadas pela velocidade, o olhar a paisagem através das janelas do trem-de-ferro, assim como as imagens pré-concebidas do sertão. Ainda que para a maior acuidade de seus estudos fosse necessário percorrer cada lugar, observando com detalhes as formações vegetais e rochosas, o cientista não deixou de esconder sua fadiga, seu suspiro inflamado pela monotonia misturada ao desespero de andar no desconhecido quando adentrou o interior baiano.

Otto Quelle era professor da Universidade de Bonn e foi o primeiro diretor do Instituto de Pesquisas Ibero-Americano. De fim de maio ao fim de outubro de 1927, ele empreendeu três grandes viagens por várias partes da Bahia, das quais resultou um relatório com descrições de vários lugares, a exemplo do fragmento acima. O empreendimento foi motivado pela intensificação das relações científicas e culturais entre a Alemanha e o Brasil, ideia atrelada à criação do Instituto que, por sua vez, visava também outros países sul-americanos. As viagens estavam, portanto, associadas à política expansionista alemã que se baseava no tripé política-economia-ciência.¹³ Quanto ao caráter lacunar da Bahia nas investigações científicas realizadas até então, segundo o geógrafo, deveu-se, num plano mais amplo, ao deslocamento do centro de gravidade político para o sul no século XVIII, com a mudança da capital para o Rio de Janeiro, e também ao deslocamento do centro de gravidade econômico com o desenvolvimento de São Paulo e Minas Gerais. Indicativo, portanto, não só da necessidade de estudos

¹¹Sobre o alto sertão baiano como “região imaginária”, cf. ESTRELA, Ely Souza. *Os sampaulenses: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP; FAPESP; Edusc, 2003, p.35-67. Uma breve reflexão sobre como historiadores têm operado com a trama regional “alto sertão da Bahia” pode ser lida em GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. *Um painel com cangalhas e bicicletas: os (des)caminhos da modernidade no alto sertão da Bahia (Caetité, 1910-1930)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, 2012, p.20-33.

¹²Cf. APROBATO FILHO, Nelson. Passa(n)do em revista polytechnica: na trilha das mulas... os (des)caminhos da modernidade paulista. *Tempos Históricos*, vol. 13, 2009, p.151.

¹³Essa relação entre Brasil e Alemanha, assim como a política expansionista alemã, é largamente tratada em SILVA, Maria Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007, p.97.

científicos com objetivos de inclusão e integração, pois a ciência, como sugere o tripé, ancorava-se na política e na economia, e vice-versa.

Ao ler o relatório, publicado originalmente no *Ibero-Amerikanisches Archiv* e traduzido para a *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, é possível inferir que as viagens estavam precedidas de uma inquietação que podemos formular da seguinte maneira: se existia uma “copiosa litteratura referente ao desenvolvimento economico dessa provincia [Bahia] desde o principio do tempo colonial”, a realização de um meticuloso trabalho de campo pelas suas “regiões naturaes” não seria um contributo fundamental, naquele momento histórico, para o seu possível realinhamento econômico com as partes mais desenvolvidas do país? Ou seja, ainda que houvesse tantas publicações referentes principalmente a um passado colonial, o que faltava era um ponto de vista científico de acordo com um novo instrumental, como vemos na afirmação: “o estudo dessas publicações ficou sem resultado para mim, enquanto não me foi possível visitar eu proprio as grandes regiões naturaes da Bahia”.¹⁴

Grande parte do roteiro de Quelle foi desenhada nessa imensa “lacuna”, isto é, num espaço pouco conhecido, tendo à disposição poucas referências geográficas relacionadas aos núcleos urbanos existentes e a alguns outros topônimos. Como resultado das viagens, o relatório foi dividido metodologicamente em cinco partes que não deixam de esboçar certas especificidades das áreas indicadas em cada uma das seguintes rotas: *I. Pela Bahia meridional ao valle do São Francisco; II. O valle oriental do São Francisco; III. A chapada de “cerros Ilhados” do Joazeiro e a região desertica da Bahia septentrional; IV. A serra central da Bahia; V. O littoral bahiano*. O fragmento citado acima, sobre a “região dos mananciaes do alto rio de Contas”, diz respeito à parte final da primeira rota. Mas, antes de voltarmos a ela, vejamos o ponto de partida do geógrafo e sua equipe até o adentramento mais profundo no interior baiano.

A viagem começou efetivamente em Nazaré, muito próxima a Salvador, notada pelo cientista como uma “cidadezinha” conhecida pelas “diversas indústrias”. Rumando para a “serra de Maracás”, a equipe seguiu pela linha férrea até Jaguaquara. Este trecho, caracterizado pelas “campinas verdes, plantações novas de cafeeiro [...] vistas sobretudo nos arredores de Jequiriçá e Areia”, apresentava tal paisagem devido à presença da ferrovia: “Só pela estrada de ferro é que essa região recebeu vida nova e mais para Oéste, até Jaguaquara, verifica-se pela intensa actividade edificadora que o povoamento dessa zona está progredindo ainda, continuamente.” Nesse último povoado, por exemplo, a população “cresceu de 50 para 1000 habitantes” em dez anos.¹⁵ A vista privilegiada pela janela do trem-de-ferro precede uma aventura de dias a fio pela serra de Maracás e pelo planalto de Conquista. Em vários dias de andanças, antes de chegar a Boa Nova, o que se viu foi uma paisagem muito variada, e a sensação, ainda que não dita, de andar por um espaço labiríntico.

Mesmo com a guinada provocada pela inauguração da estrada de ferro e com

¹⁴QUELLE, 1929, *op. cit.*, p.8-9.

¹⁵*Ibidem*, p.9.

a existência de uma “bem construída” estrada rural ligando Jaguaquara a Itiruçu, é possível notar sensações de desorientação, a começar pelos mapas disponíveis, com vários erros toponímicos, e a inusitada mudança de clima. Sobre o “bloco montanhoso”, o frio surpreendeu os viajantes. Em 3 de junho, enquanto que em torno de 1 hora da tarde a temperatura era de 23°, às 9 da noite do mesmo dia baixou para 7°. A surpresa, no entanto, deu lugar à previsibilidade: quando foram informados sobre a ausência de chuva desde o último dezembro e, mais tarde, com as informações disponibilizadas pelo Observatório Meteorológico da distante cidade de Caetité,¹⁶ confirmou-se terem apanhado um “genuíno ‘anno de sêcca’”.

Seguindo viagem em direção ao planalto de Conquista, o geógrafo e a sua equipe passaram por Jequié, assinalada como “a principal povoação da região” do rio de Contas, recentemente reestabelecida “das devastadoras consequências da enchente de 1919, que destruiu 80% de todas as casas da cidade”. A construção da ferrovia, que chegaria à cidade, seu ponto final, em fins daquele ano de 1927, facilitou também o transporte de cacau cultivado no baixo rio de Contas. Pelas matas virgens entre esse rio e o rio Gongogi, a demora foi de três dias e mais dois pelo planalto de Conquista até Boa Nova. Uma mata hidrófila tropical, “atravessada apenas por horrível e estreitas picadas” (sic), ia dando lugar a “uma porção de novos roçados, pequenas aldeolas e sítios isolados” fundados “no último decênio”. Nesse trecho, “além do cacau, cultivava-se de preferência arroz (até 700 metros de altitude) e mandioca”.¹⁷ Com o avançar da excursão, rumando para o oeste, o cientista notou uma mudança repentina:

Logo depois de se galgar o altiplano de Conquista, a paisagem muda de repente. Desapareceu a mata virgem, quente e humida. Matto xerophilo arbustivo cerca ao viajante; ao invés de picadas enlameadas, apresentam-se caminhos poeirentos; o ar é mais sêcco e o sopro do aliseo SE varre livremente o planalto. A mattaria do flanco oriental, faixa esta até ha pouco absolutamente hostil à cultura, avança muito para Oéste.¹⁸

Com a confirmação do “genuíno ano de seca”, o que esperar senão uma paisagem desoladora? E o que esperar daquele longo trecho senão a monotonia da andança, as extensas matas baixas de caatinga,¹⁹ raras terras de lavoura e povoados insignifi-

¹⁶ “Ha na cidade [de Caetité] uma estação climatologica de 2ª classe, a cargo do Governo federal que a mantém para os serviços das observações meteorológicas da zona a que serve [...]. Iniciada a construção em 1907 [...], ficou terminada em julho de 1908”. SILVA, Pedro Celestino da. Notícias históricas e geográficas do município de Caetité. In: *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, n. 58, 1932, p.177.

¹⁷ QUELLE, 1929, *op. cit.*, p.11.

¹⁸ *Ibidem* p.11.

¹⁹ Nilo Bernardes reconhece a dificuldade em descrever com totalidade o que comumente se chama de caatinga sertaneja por ser complexa e extremamente heterogênea, apontando para uma extensa área de mais de 800 mil km². Cf. BERNARDES, Nilo. As caatingas. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 13, n. 35, 1999, p.69-78.

cantes? Por conseguinte, chega-se num ponto alto da alteridade, quando o outro,²⁰ pouco compreendido, desvanece para dar lugar ao marasmo. Para não deixar um espaço vazio no papel, as comparações talvez fornecessem descrições que pudessem interessar mais aos leitores: “Quasi horizontal segue para Oéste o caminho pelo altiplano; a cada passo, o extenso e monótomo altiplano, com as suas ‘cubetas’ ou depressões gamelliformes meio apagados, faz lembrar as fôrmas da paisagem das montanhas de schisto do Rheno.”²¹ No percurso de Boa Nova, passando por Poções, Vitória da Conquista, Belo Campo, Condeúba, até Caetité, apenas duas localidades mereceram algum destaque. No trecho até o alto do rio Gavião, “Especialmente na região de Conquista, a criação de bovinos progrediu com a introdução de zebu; entrou aqui a indústria de laticínio, recebendo provavelmente impulso de Minas”; além disso, por Conquista também passava “uma estrada de porcos, na qual são tocadas annualmente uns 12.000 suínos de Condeúba para Itabuna, na zona cacauqueira sul bahiana”. E, mais adiante, no alto rio de Contas, “O estabelecimento mais importante desta zona é a cidade episcopal Caetité, na região das nascentes do rio de Contas. E’ notavel em todos os sentidos por sua posição e importancia”.²² À exceção de alguns sobressaltos na paisagem, matas virgens e roçados aqui e acolá, tudo o mais era largas áreas de caatinga seca.

Considerando paisagem como um processo cultural e que, desse modo, “não há paisagem sem um observador”, pois “a percepção visual é [...] uma condição fundamental para a existência cultural da paisagem”,²³ as notas do cientista e tudo aquilo diante do seu olhar foram produzidos também por sua percepção.²⁴ Por conseguinte, a paisagem como dado e como percepção é indissociável, aliás, simbiótica. Como exemplo disso, podemos ler a descrição da caatinga a seguir, feita por Quelle, no roteiro de Bom Jesus da Lapa a Xique-Xique, pelo vale oriental do São Francisco (a segunda rota na divisão do relatório):

²⁰Para uma discussão mais ampla sobre a noção de alteridade e a escrita/representação do “outro” na história, cf. NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (orgs.). *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

²¹QUELLE, 1929, *op. cit.* p.12.

²²*Ibidem*, p.12-13.

²³MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Paisagem e turismo*. São Paulo: Contexto, 2002, p.32. Nas palavras de Ulpiano T. Bezerra de Meneses, a paisagem “deve ser considerada como objeto de apropriação estética, sensorial. Consequentemente, não se pode negar que ela tenha uma natureza objetiva, que seja um objeto. É, sem dúvida, uma forma, mas não se define por esse caminho. É material, real, que se dá à percepção. Porém, considerá-la antes de mais nada como objeto (portanto um dado, um *a priori*) é ainda permanecer num horizonte restrito, que não seria suficiente para dar conta de todas as dimensões do fenômeno. A coisa percebida e sua representação (conceitual, visual, verbal etc.) existem simultânea e simbioticamente”.

²⁴“Ao falarmos de percepção estamos nos referindo a muito mais que meros processos fisiológicos. A percepção envolve organização e reorganização de dados a partir de modelizações, valores, aspirações, interesses etc. Indo além, envolve igualmente práticas que desfazem a antinomia sujeito/objeto, cultura/natureza”. Cf. *Ibidem*, p.33. Entretanto, não se deseja, aqui, confundir *percepção* com *olhar*. Sobre esta última expressão, vale a leitura de CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.347-360.

Um interminável oceano de mattaria enche a extensa planura a Lésse do grande rio até o sopé da montanha. Despidas de folhas erguem-se as arvores de côr cinzenta clara, de 4-6 metros de altura, cerradas, uma juncto a outra; durante horas e horas segue-se a cavallo, o corpo inclinado para frente, estas extensas, silenciosas mattas, que exhibem apenas uma camada extremamente fina de sólo decomposto. Tanto mais se avança para o Norte, tanto mais se rarefaz a matta e tanto mais se afastam as arvores uma da outra; e também vão ficando mais baixas, frequentemente intercalam-se na catinga pequenas áreas completamente despidas; assim, é que por uns cinco kilometros ao redor de Chique-Chique não existe uma árvore, um arbusto.²⁵

A partir desse ponto, a expedição seguiu pelo rio São Francisco até Juazeiro. Mais adiante, no norte da Bahia, a seca calcinava a paisagem: imagens de cadáveres de mulas e bois à beira da estrada aparecem no texto, assim como a sequidão e a sensação de estar num deserto. Além disso, a falta de água deixou a equipe por vezes em apuros. A viagem seguiu pelo vale do Itapicuru e terminou na estrada de ferro de Sergipe à cidade da Bahia (Salvador). Certamente, desse ponto os viajantes seguiram até a capital e de lá também iniciaram as duas outras viagens projetadas: pela “serra Central da Bahia”²⁶ e pelo litoral. Como o meu ponto de parada é o alto sertão da Bahia, demorarei por esse espaço rastreando mais caminhos percorridos e outros pontos de vista.

O alto do sertão

Organizar os resultados através de uma concepção racional era mister para legitimar os estudos de um cientista como Otto Quelle. Na publicação, não poderia haver lugar para as errâncias durante a viagem, elas deveriam ser dribladas ou omitidas e, quando ditas, justificadas pelos erros na cartografia disponível.²⁷ No final do relatório, ao sentir a necessidade de fazer uma apreciação sumária dos seus estudos, numa caracterização geral do Estado da Bahia, Quelle reforça a imagem, muito presente no pensamento social brasileiro, da dicotomia sertão/litoral.²⁸ Vejamos:

²⁵ QUELLE, 1929, *op. cit.* p.16.

²⁶ “Qual muralha larga e poderosa, a serra Central da Bahia isola com extraordinário rigor toda a Bahia oriental da bacia do São Francisco. Assim se explica porque, no tempo colonial, foi do Sul, isto é, de São Paulo e Minas, que a região banhada pelo São Francisco recebeu desbravamento economico e civilizador”. *Ibidem*, p.22.

²⁷ Ao falar do “*esprit de géometrie* planejador e controlador” presente na obra de Euclides da Cunha, Willi Bolle assinala que “esse espírito é precursor de outros planejamentos estratégicos, como o plano piloto de Brasília, a capital do país implantada meio século depois no coração do planalto; ou da Transamazônica na década de 1970, rasgando a grande floresta tropical de ponta a ponta. Trata-se de uma cartografia derivada do racionalismo instrumental, que instaura o homem como dominador da natureza”. Cf. BOLLE, 2004, *op. cit.* p.76.

²⁸ Cf. SOUZA, 1997, *op. cit.*

O littoral bahiano, quente-húmido e no Sul um pouco mais largo, está em todos os sentidos em vivo contraste com as extensas regiões quentes-seccas do interior. No littoral predomina a matta virgem, embora na sua maior parte na fôrma secundaria; no interior predomina absolutamente a catinga sêcca, portanto o matto rasteiro. Durante séculos, o desenvolvimento economico bahiano limitou-se essencialmente á orla da costa; sómente desde o principio do seculo XIX elle está penetrando lentamente para o interior. O littoral apresenta povoamento notavelmente mais denso que o interior e nelle ficam as cidades mais populosas. No littoral, enfim, se forma mais sensível a influência do elemento negro na população; e quanto mais se avança pelo sêcco sertão a dentro tanto mais perceptível se torna a mescla de sangue indio.²⁹

Esse ponto de vista dicotômico era muito recorrente entre os artificios para pensar o país de uma forma mais geral na época. Embora andassem por lugares variados e reconhecessem algumas diversidades, para muitos viajantes, as dicotomias pareciam incontornáveis. Por conseguinte, não só a natureza era oposta, mas também as diferenças eram notadas entre as gentes do interior e as do litoral.

Viajando um ano antes de Quelle, da capital da Bahia em direção a Caetitê, Anísio Teixeira surpreendeu-se com a paisagem com que se deparou. Embora tivesse nascido nessa última cidade e lá passado os primeiros anos de sua vida, nota-se muito mais estranhamento do que o sentimento de pertencimento nas entrelinhas da comunicação que fez no *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, logo após o seu retorno. Naquele fim de março, quando partiu para o interior depois de longos meses afastado, era esperado “revêr os velhos campos conhecidos e as velhas estradas e a velha hospitalidade sertaneja”.³⁰ Não poderia ser diferente naquele mês, pois, “as chuvas, nessa zona sertaneja, raramente se prolongam pela segunda quinzena de Março”, até porque, “Habitualmente, nessa época opera-se a transição entre as duas unicas estações annuaes – a das *chuvas* e a das *seccas* – por um regime de neblinas, que espalha, por todo sertão, uma côr uniforme de humidade e de tristeza.” A surpresa foi logo quando chegou ao alto sertão:

Foi uma terra de janeiro que tive diante dos olhos aturdidos. Os aguaceiros diluviaes ainda a salteavam, communicando-lhe o aspecto desabrido e tumultuario que esse regime de transposições violentas imprime ao nosso paiz tropical. As aguas e a vegetação se encarregavam de fazer e desfazer scenarios, assistindo-se a um verdadeiro furor de empresario allucinado. Pequenos ribeirões ganhavam vulto inesperado, lagôas resurgiam do sólo imprevistas, estradas hontem transitaveis, desfaziãem-se em tremedaes terriveis, emfim todo um impeto ephemero da natureza, imprimia ao scenario essa physionomia transitoria de forças em ensaio.³¹

²⁹ QUELLE, 1929, *op. cit.* p.28.

³⁰ TEIXEIRA, Anísio. O alto sertão da Bahia. *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*. Salvador, v.52, 1926. p.295-309.

³¹ *Ibidem.*

Reduzida em meio a este cenário estava uma “sub-raça de caboclos” resignados com os prejuízos das chuvas inesperadas. Não cessam, durante o texto, frases como: “A exuberância da natureza dissipada feria o pobre homem mal armado para a luta”; ou ainda: “Vencido e abatido pela grandeza desabrida da terra, o homem era a nota desolada dessa paisagem magnífica”. Além de assinalar a fraqueza do homem em contraste com a natureza exuberante e hostil, essa paisagem dava o tom dramático para o momento que se estava vivenciando naquela região. Como se acompanhada das rompantes chuvas, a Coluna Prestes assombrava os habitantes com sua possível passagem por aquela zona sertaneja.³² Pelo olhar de Anísio Teixeira, parecia que tudo estava fora de ordem: a segurança, a paz, a tranquilidade e os velhos campos conhecidos não foram percebidos como eram esperados. E com todas as dificuldades em organizar tropas legais para combater a Coluna, somente os embaraços físicos do caminho – devido àquele “inverno [...] tão prodigiosamente prolongado, que o sertão, se nunca esteve tão esplendente, também nunca esteve tão intransitável, com os rios transbordando, as estradas destruídas, os atoleiros transformados em verdadeiros tremedões – poderia deter o galope das tropas rebeldes”.³³ O autor reconhece, então, a aventura perigosa de se embrenhar por aquelas áreas hostis, especialmente naquele ano invernos.

Contrariando a ideia de um espaço vazio, com paisagem pouco diversa, nessas descrições de Anísio Teixeira e em tantos outros relatos, muitos deles caracterizados por uma visão/sensibilidade romântica, o alto sertão da Bahia aparece com grande diversidade paisagística, como um espaço pouco conhecido, natureza exuberante e com um potencial não aproveitado. Esses aspectos são bastante acentuados no texto *Memória descritiva do município de Condeúba*, produzido por Tranquilino Torres e publicado em 1895 também na *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*. Numa apreciação mais geral sobre a geografia, Torres afirma: “É [...] o Município composto de vastas planícies, de terrenos variados e que denominam – veredas, caatingas, carrascos, campos, etc.”.³⁴ Vários rios foram tomados pelo autor com importância considerável, como o Gavião, que poderia ser bem aproveitado, não fosse a “ignorância completa dos ribeirinhos que cada vez mais os vae escavando, [tendo-no] tornado de pouca profundidade para navegação”.³⁵ O propósito com a *Memória descritiva* era passar uma ideia de indubitável conhecimento da geografia e da natureza do município, mostrando certo domínio sobre elas por parte do cientista. A explicação para o não aproveitamento dos recursos naturais era buscada na ignorância da

³²Entre os anos 1925 e 1927, o movimento conhecido como Coluna Prestes percorreu diversas áreas do interior do país com propósitos de difundir e legitimar suas reivindicações. No entanto, entre povoações do interior, criou-se o imaginário que atribuía periculosidade aos “revoltosos”, de modo que muitas cidades se armaram para enfrentá-los, como demonstra o texto supracitado de Anísio Teixeira.

³³*Ibidem*.

³⁴TORRES, Tranquilino L. *Memória descritiva do município de Condeúba*. *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, ano 2, n.º. 4, junho de 1895, p.106.

³⁵*Ibidem*, p.106.

população local. Todavia, mesmo amparado pelo cientificismo nas suas descrições, a contemplação romântica estava muito presente.³⁶ Percorrendo aqueles terrenos, lugares surpreendentes poderiam ser encontrados, como a bela cascata do rio Gameleira:

Suas águas á principio correndo sobre um rochedo, donde dava por certo ao espectaculo maior brilhantismo, foram desviadas depois pela depressão do solo ou pelo percorrer continuo desse desvio e, em carreira desenfreada, precipitaram se da altura de 20 metros mais ou menos, formando orlas de todas as formas inimaginaveis, sem seguir direção, se atropellam, estancam, convulsionam [...]. Essa natureza misteriosa, e um extasis contemplativo e fascinador nos produzio a vista deste conjunto tão bello e horrivel!³⁷

Entre a contemplação romântica e os estudos objetivados, Tranquilino Torres fez um levantamento da fauna e da flora presentes no município. Diversas espécies de animais³⁸ e de plantas foram levantadas. Sobre essas últimas, uma variedade foi destacada devido ao seu aproveitamento, tanto em suas propriedades medicinais, quanto alimentícias. A flora apresentava-se bem provida para os conhecedores das matas e que por elas se embrenhavam. Do “cipó mucunã”, por exemplo, “os lavradores e melheiros servem se quando muito internados no matto para saciarem a sêde.” Trata-se de “um cipó grosso, dão lhe um golpe que o corte inteiramente, sobre o pedaço que fica pendente no alto, dão novo golpe mas que não o decepe de todo, e então corre uma agua, limpida, potavel com a qual pode-se encher garrafas.” É uma paisagem muito colorida que o autor nos apresenta. Porém, ela poderia variar radicalmente a depender da época: “as florestas e campos do sertão no tempo do inverno e primavera brotam e floriferam com admiração dos transeuntes que no rigor do verão alli passaram vendo os arvoredos nús, despídos de suas folhagens e seccos, fazendo do alto sertão idéa bem desagradavel”.³⁹

Dezoito anos mais tarde, João Gumes publicou no jornal *A Penna* um artigo intitulado *Monte Alto*,⁴⁰ tratando da paisagem e das riquezas naturais das serras e *bai-xios* no intervalo entre Caetité e as vilas de Umburanas (que atualmente pertence ao umnicipio de Urandi), Bela Flor (atual Guanambi) e Monte Alto (atual Palmas de

³⁶Sobre aspectos mais gerais do romantismo, em especial o seu lado utópico, interessa a leitura de SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. No caso específico do Brasil, a propósito da sensibilidade romântica e sua relação com o cientificismo do século XIX, cf. NAXARA, 2004, *op. cit.*

³⁷TORRES, 1895, *op. cit.* p.109.

³⁸“Entre os animaes indomitos que infestam os campos e florestas citarei as onças verdadeiras ou pintadas, denominadas *canguçús*, tigres, (pretos) e a sussuarana; o tamanduá bandeira, e o melete ou *mirim*, o quaty, a raposa, o caetitú, o veado de que há diversas especies; a anta capivára, coelhos, macacos de diversas qualidades, preguiça, o guará (lobo do Brazil), o gambá [...]”. Os ofidios mereceram destaque, entre eles, “a giboia, o cascavel, o jararacussú, a jararaca, o coral e a cobra cipó”. *Ibidem*, p.123-125.

³⁹*Ibidem*, p.123.

⁴⁰O jornal *A Penna* foi um dos primeiros periódicos a circular no sertão da Bahia. Com edições quinzenais, foi mantido por João Gumes desde 1897.

Monte Alto). A descrição foi feita de acordo com pressupostos científicos, mas não deixa de ter apelos românticos. Como se o leitor fosse levado a um ponto estratégico de observação, Gumes começa descrevendo:

Quem transpõe a serra Geral, indo dos municipios de Umburanas ou Caeteté, em busca do valle do S. Francisco, avista largos trechos da região a que os naturaes do sertão denominam baixio. Da estrada de Caeteté a Bella Flor [...]: A paizagem é soberba e empolgante. Ao fundo, no ultimo plano, a serra do Monte Alto, esgalho do principal systema ortographico, encantadora, semelhando uma muralha a prumo [...]. Essa admirável construcção natural tem por assento o Baixio, que é um extenso talude, de declividade quasi imperceptivel á commum apreciação, levemente abaúlado, orlado pelo sulco dos ribeirões que formam o rio das Rans, eriçado de morros, pequenas cadeias, collinas, extensos largados de formação primitiva e bacias onde se reúnem as aguas meteóricas.⁴¹

O autor prossegue chamando a atenção para a riqueza adormecida na natureza pouco explorada. Não haveria embaraços na exploração de tal riqueza, caso o trabalho se baseasse em “methodos modernos”. Tudo poderia ser esquadrihado e aproveitado: “O solo em geral é esbranquiçado, argiloso e impregnado de saes diversos, e a vegetação natural é de caatingas altas onde se encontram boas madeiras de lei e extensos prados onde vicejam optimas forragens.”⁴² No entanto, nessa mesma área, um outro olhar pode ser surpreendido numa fotografia (fotografia 1) retirada de um ponto específico do *baixio* no início do século XX.⁴³

O ponto privilegiado foi um imenso bloco rochoso, denominado Morro do Pajahú, próximo à vila de Monte Alto. A imagem visual não apresenta apelo à exploração dos recursos naturais através de “technicas modernas”, existe ali um motivo de contemplação. O homem repousando sobre o cavalo, perfilado, não lembra nem um pouco o “*esprit de géometrie* planejador e controlador” que sobe ao alto da colina para planejar o ataque.⁴⁴ Na fotografia, a grande formação mineral, que mais parece um obstáculo, foi transformada em paisagem, juntamente com as vegetações nas encostas.⁴⁵

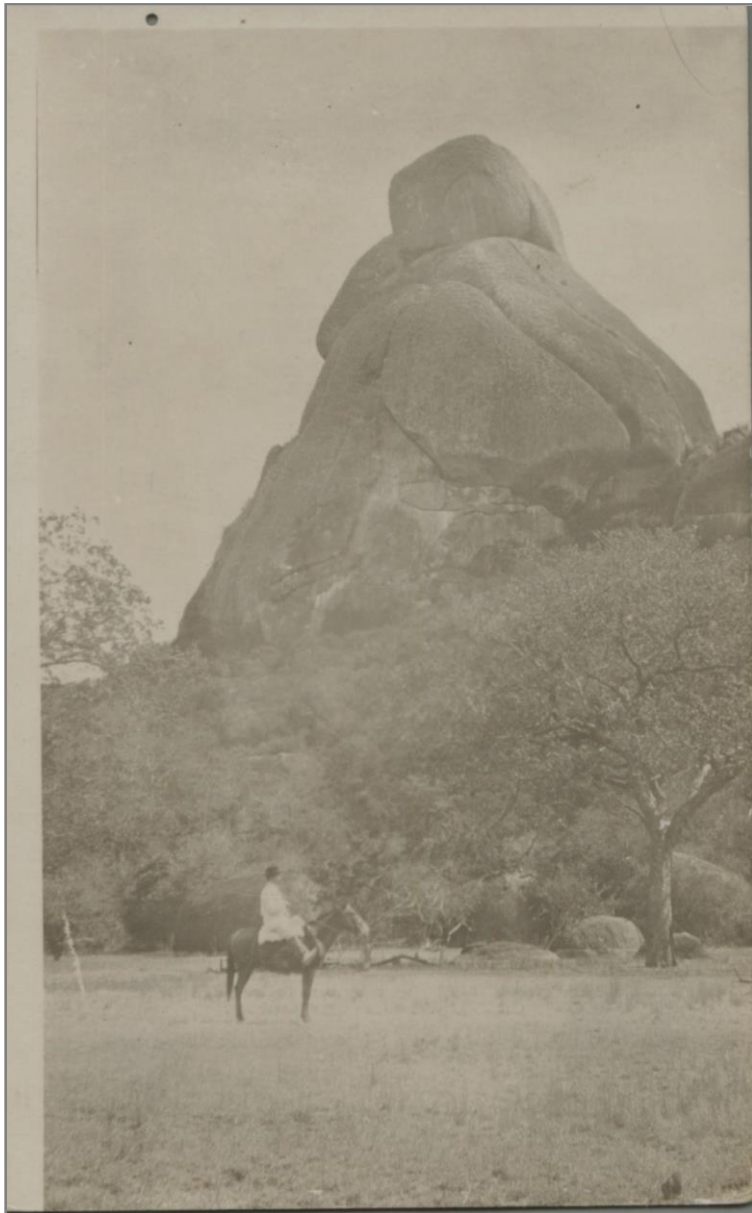
⁴¹ GUMES, João. “Monte Alto”, *A Penna*, 12.09.1913, p.1.

⁴² *Ibidem*, p.1.

⁴³ Ainda que não se trate de um espaço que estava sofrendo transformações aceleradas, não custa lembrar a assertiva de Ulpiano T. Bezerra de Menezes: “É nas últimas décadas do século XIX – quando os efeitos da industrialização e da urbanização acelerada se agravam ainda mais, colocando em risco paisagens tradicionais – que a conjunção de turismo de massa e fotografia de massa começa a produzir impacto”. Cf. MENESES, 2002, *op. cit.*, p.36.

⁴⁴ BOLLE, 2004, *op. cit.*, p.76.

⁴⁵ Esses blocos rochosos podem ser vistos atualmente, aqui e acolá, quando percorremos aqueles *baixios*.



Fotografia 1. Morro do Pajahú, “Baixio”, Monte Alto; s. d.; autor desconhecido.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité/BA.

O caminho de Caetité a Bela Flor era bem transitado por causa das relações comerciais, de parentesco e vizinhança. Outras pessoas, além de Gumes e do fotógrafo anônimo, registraram a diversidade das paisagens que poderiam ser percebidas durante o itinerário. A viagem que hoje, a depender do ritmo, não passa de quarenta minutos de automóvel pela rodovia, durava mais de seis horas a cavalo nas primeiras décadas do século passado, sendo a maior parte do trecho em terreno montanhoso. Antonio Neves e mais dois companheiros, que saíram de Caetité numa manhã de abril do ano de 1912 em direção a Umburanas, aproveitando a folga da Semana Santa, chegaram a Bela Flor em torno das 4 horas da tarde. Galgaram a serra,

trotando lentamente pela sinuosa estrada, aqui coberta de seixos miudos, soltos e arredondados; – allí cavada na dura piçarra avermelhada, formada de rocha micacea, a descoberto nas ranhuras dos declives; – ora aper-

tada entre o espesso matagal das margens profusamente florido; ora estendendo se a largos trechos atravez dos *geraes*, por entre a rachitica e enfesada vegetação, composta em sua quasi totalidade do gramineas de pequeno crescimento, e de palmeiras anãs, verdadeiras miniaturas de suas congeneres das catingas, – a qual cobre o terreno safaro e arenoso de nossas chapadas serranas.⁴⁶

Após atravessarem os mais altos socalcos da serra, já em torno de meio-dia, os três viajantes pararam para se alimentar das provisões à sombra de um jatobazeiro, “n’uma especie de agradável *pic-nic*.” Descansaram em torno de uma hora e seguiram o caminho: “Em pouco começamos a descer pela ladeira denominada ‘Belem’ os contrafortes da base da serra, formados de terras vermelhas e muito fortes, ricamente providas de *humus*, conhecidas vulgarmente pela denominação de *gurungas*”. Na continuação da jornada aparecem “profundos e estreitos desfiladeiros” à margem da estrada íngreme e tortuosa por onde desceram “contemplando admirados os largos e formosos horizontes que se estendem até muito além, fechados ao fundo, em toda a sua extensão, pela bellissima serra de Monte Alto, talhada a prumo como gigantesca umralha.”⁴⁷ Logo chegaram à vila de Bela Flor.

Menos de um ano depois, João Neves,⁴⁸ saindo de Caetité às 10 horas da manhã, chegou àquela vila seis horas mais tarde, com uma interrupção apenas para se alimentar.⁴⁹ Por ser bastante utilizado, embora apresentasse muitos embaraços, difficilmente os viajantes se perdiam no trajeto entre essas duas localidades. Não era assim com outras tantas vias de comunicação que ligavam pontos mais distantes ou menos conhecidos. Pedro Celestino da Silva,⁵⁰ em suas *Noticias historicas e geographicas do municipio de Caetité*, assinala:

Essas estradas escassamente povoadas, as fazendas e casas, estão sempre distantes que, durante horas seguidas, o viajante pode errar sertão a dentro, por regiões, não raro invias, intransitaveis, ou fechando-se por vezes, em estreitas e íngremes passagens sem encontrar uma

⁴⁶NEVES, Antonio. “Impressões de viagem”, *A Penna*, 21.06.1912, p.2.

⁴⁷*Ibidem*, p.2.

⁴⁸Desses moradores e ex-moradores do alto sertão que deixaram registradas notas de viagens, mesmo com as parcas informações sobre alguns deles, pode-se dizer que João Gumes e Antonio Neves residiam em Caetité. O primeiro, além de funcionário público, era editor do jornal *A Penna*. O Major Antonio Neves, além de sua influência política, mantinha uma curiosidade intelectual sobre a colonização da região. João Neves e Aniso Teixeira, embora tenham morado na região apenas na infância e parte da adolescência, mantinham fortes laços com a cidade onde se encontravam os seus familiares.

⁴⁹“Ao fim de seis horas de viagem interrompida apenas ao meio dia para um *lunch* improvisado, e servido á sombra agreste de arvores frondosas, á margem de um rio de aguas purissimas, transpusemos a primeira etapa dessa tão longa viagem. Chegamos á Bella Flor”. NEVES, João. “Notas de uma viagem de Caetité á S. Paulo”, *A Penna*, 08.01.1913, p.2.

⁵⁰Pedro Celestino da Silva e Tranquilino Torres contribuíram com a *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia* com estudos sobre municípios do interior baiano, o primeiro tratando de Caetité na década de 1920 e o segundo tratando de Condeúba no final do século XIX. Parece que Celestino da Silva mantinha uma produção intelectual com algum reconhecimento na época, com textos publicados inclusive na revista da Escola Normal de Caetité no final dos anos 1920.

habitação ou um vestígio de actividade humana.⁵¹

Faltavam não somente estradas, mas também mapas. No final do século XIX, ao tratar do município de Condeúba, Tranquilino Torres lastimava: “Os nossos mapas, organizados de oitiva, sem mesmo se ouvir aos habitantes do sertão, contêm no que diz respeito á situação das localidades, rios e serras, erros deploráveis, dignos de severa corrigenda!”.⁵² Mais de trinta anos depois, Otto Quelle via-se embaraçado por diversas vezes com esse fato. Em sua expedição às serranias centrais da Bahia, muniu-se de “um mappa na escala 1:1 milhão, publicado pelo Club de Engenheiros Brasileiros” que “revelou-se quasi de todo imprestavel”.⁵³ Somente “um mappa publicado em 1925 no Rio” forneceu-lhe melhores informações, “embora a sua escala de 1:2 milhões fosse demasiado pequena”.⁵⁴ Alguns, quando usados, serviam mais para desorientar:

O mappa hydro-geographico da Bahia, de Luetzelburg, dá, na verdade, a impressão de que essas palmeiras em alguns lugares formam mattas em largas extensões: tal não acontece; isoladas ou em pequenos grupos, ellas orlam a margem do rio. As manchas verdes, indicando mattas ao lado do rio, que se encontram em mappas recentes, não têm razão de ser.⁵⁵

Nessas condições, as viagens podiam ser tortuosas, levando mais tempo do que o esperado. Conforme Otto Quelle, “as serranias centrais da Bahia separam [...] a bacia do São Francisco da Bahia oriental” e havia somente duas passagens mais cômodas de leste para oeste naquele início de século: “Ao Norte, a estrada de ferro Bahia-Joazeiro ladeia pela ‘alva’ ou depressão de Bonfim a região montanhosa central, caminho este já utilizado desde os antigos tempos coloniaes”; e “Ao Sul, sómente em Caetité é fácil transpôr as montanhas”.⁵⁶ Pela estrada Caetité-Lapa poder-se-ia chegar até o rio São Francisco, tomar uma embarcação até Juazeiro e dali continuar pela estrada de ferro até a capital. Outro trajeto seguia de Caetité, passando por Bom Jesus dos Meiras (atual Brumado), Ituaçu, até Machado Portela, onde havia, nessa época, uma estação ferroviária.

O tempo das viagens poderia variar bastante a depender das condições da estrada. Em estudo recente, Marcos Profeta Ribeiro, ao analisar uma correspondência de 1928, concluiu que, de Caetité a Contendas do Sincorá, num percurso de 240 km a

⁵¹ SILVA, 1932, *op. cit.*, p.173.

⁵² TORRES, 1895, *op. cit.*, p.113.

⁵³ “[...] não existe o divisor d’aguas de mais de 900 metros de altura, que o mappa de escala 1:1 milhão apresenta entre o rio Paramirim, que corre para o N., e os afluentes do rio de Contas.” QUELLE, 1929, *op. cit.*, p.24.

⁵⁴ *Ibidem*, p.23.

⁵⁵ *Ibidem*, p.17-18.

⁵⁶ *Ibidem*, p.13.



Fotografia 2. Viajantes em algum lugar do alto sertão; s.d.; autor desconhecido.

Fonte: Arquivo Público Municipal de Caetité/BA.

cavalo, demorava “cerca de três dias e meio a quatro dias”. Mesmo com a estrada de ferro que ligava o Recôncavo a Salvador, pelas informações das correspondências que lhe serviram de fonte, “que mencionam percursos em sentido contrário, ou seja, de Salvador a Caetité, é possível estimar o tempo de viagem entre as duas cidades em oito a dez dias”.⁵⁷

Provavelmente, a partir de 1928, quando a estrada de ferro alcançou Contendas do Sincorá, o tempo de percurso foi diminuído. Na viagem feita por Anísio Teixeira dois anos antes, foram nove dias até chegar a Caetité. Quanto ao retorno a Salvador, devido às chuvas rigorosas que destruíram as estradas, “seria longo narrar todos os pequenos incidentes de uma viagem de quase uma quinzena de dias.”⁵⁸ As idas e vindas entre muitos sítios, roças e fazendas eram também muito complicadas, ainda que bem menos distantes.⁵⁹ Na maioria das vezes era preciso

⁵⁷RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no alto sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeira (1901 a 1927)*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009, p.53.

⁵⁸TEIXEIRA, 1926, *op. cit.*, p.295-309.

⁵⁹Pedro Celestino da Silva, numa publicação de 1932, assinalou as distâncias entre Caetité e outras cidades de acordo com os trajetos da época: “A sede do município dista da capital do Estado 1.200 klms. Está a 180 klm. da margem direita do Rio São Francisco e a 240 klms. da estação de Contendas, da Estrada de Ferro Central da Bahia. Para os pontos vizinhos são estas as distâncias: a Santa Luzia 15 klm., a Brejinho das Amethystas 30 klms, a Gentio 36 klms., a São Sebastião 36 klms., a Guanamby 36 klms., a Umburanas 48 klms., a Lagoa Real 48 klms., a Bonito 48 klms., a Caculé 54 klms., a Cannabrava 60 klms., a Monte Alto 72 klms., a Jacaracy 84 klms., a Riacho de Sant’Anna 84 klms., a Minas do Rio de Contas 120 klms., a Bom Jesus dos Meiras 120 klms., a Urandy 102 klms., a Condeuba 149 klms., a Paramirim 168 klms., a Lapa 180 klms., a Conquista 312 klms., a Jacobina 576 klms.” Cf. SILVA, 1932, *op. cit.*, p.179. Há em algumas dessas mensurações diferenças significativas em relação as de hoje, o que se explica, ao menos em parte, pela diferenças de trajetos.

passar por estreitas picadas ou mesmo por roçados de caminhos inexistentes.

A fotografia 2 dá-nos a ver aspectos dessas travessias. Por causa da ausência de meios de transporte mais rápidos e de estradas para facilitar o trânsito, mulheres, homens e crianças eram desafiados a embrenhar-se nas caatingas e cerrados. E a paisagem poderia variar muito a depender do trajeto e da percepção do observador. Antonio Neves, por exemplo, atravessou *gerais*, *gurungas* e *baixios* numa diversidade que lhe encheu os olhos. Como ainda são muito frequentes os coqueiros nas encostas de serras e nas colinas,⁶⁰ essa fotografia diz respeito a algum desses trajetos provavelmente feito entre fazendas. Comparando-a com outras fotografias, presentes no acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité, é possível estimar que date do início do século passado.

Agruras no vale das Catanduvas

Na direção do São Francisco, mais especificamente até Malhada, tendo Caetité como ponto de partida, o tempo estimado era em torno de quatro dias, como podemos notar ao ler o relato de João Neves que empreendeu uma viagem para São Paulo. Nessa rota, o viajante tinha que enfrentar os perigos de lugares pouco habitados até chegar ao rio, onde provavelmente pegaria uma embarcação para o prosseguimento da viagem. Trajetos por vezes desoladores – “Reinava em torno uma calma e uma tristeza que nos opprimiam”⁶¹ – propiciavam uma sensação de aumento do tempo de percurso: “A estrada, muito estreita, desenrolava deante de nós, como que interminável, orlada dos dois lados de uma vegetação raquitica e tão cerrada que parecia uma cerca impenetrável”⁶². Numa narrativa romanceada, João Neves mostrou, com bastante sensibilidade, a aventura daquela viagem. O trecho seguinte é um tanto longo, mas muito significativo:

A's duas horas da tarde partimos.

O sol, então fulgurava no ceo muito limpo sem nuvem, e uma atmospherá de incendio aniquilava tudo.

– Vamos agora entrar na travessia das – catandubas, – patrão. Disse-me gritando o camarada.

A tal tão falada travessia das – catanduvas – é a terra dos medrosos e emprehendedores de primeira viagem.

O nosso camarada, muito pratico em viagens se dizia muito conhecedor daquelas paragens – que elle conhecia mais que as palmas das mãos, – mas, isso não obstou a que, logo, ao sahir dos moradores, elle errasse a estrada, tomando outra á direita. Nella viajamos durante uma hora, eu, sempre desconfiando, e curando me guiar pelas farpas de algodão deixados pelas – tropas – nas pontas de ramos e das

⁶⁰Como notou Quelle: “encontrei-o [coqueiro] em menor e maior abundancia até o São Francisco; na região montanhosa o coqueiro sóbe até 1.000 metros de altitude”. Cf. QUELLE, 1929, *op. cit.*, p.24.

⁶¹NEVES, João. “Notas de uma viagem de Caetité á S. Paulo”, *A Penna*, 17.01.1913, p.2

⁶²*Ibidem*, p.2.

pedras, o que, até então, fôra o nosso guia seguro, pois nos diziam os moradores da estrada quando interpellados por algum de nós sobre o caminho a seguirmos: Vancê não tem qui errá, é só carregá im frente e segui os argudão vae batê certo na Malada.

Desconfiamos logo da direção seguida pela estrada, calculando que pendiamos muito á direita.

Em certo lugar a estrada bifurcava-se. Ahi paramos, e, de commun accordo procuramos nos orientar. O camarada insistia em seguir á esquerda, porem, tendo percorrido curto trecho da estrada, notei a ausencia completa do algodão e resolvi voltar, contrariando-o, embora. Seguimos a outra estrada onde estavam mais visíveis os vestígios de algodão, e, para nossa felicidade, encontramos, logo adiante, uns moradores.

Pressuroso me dirigi á casa e indaguei pela estrada da Malhada.

– Inda qui mal lh’o pergunte, Vancê donde vem? – Foi então preciso que eu dissesse que vinha de Caetité, etc, etc, e que apenas desejava saber da estrada.

– Vancê ta todo errado. Desna qui largou o Curralin vancê haverá de tê batido o estradão qui passa beirando o sumitero. [...]

A’ disparada fui ter com os outros que me esperavam ao longe. Tivemos de facto, de volta[r] ao Curralinnho onde chegamos às 4 da tarde. Duas horas perdidas, agora que iamos fazer á travessia das catandubas!

Reunimo-nos em conselho. Deviamos, ou não, seguir viagem?

– Sim, é tocar p’ra frente a todo dar e aguentar com a feia travessia, patrão, que as catandubas é lugar *onde fio chora e mãe não ouve*, respondeu-me o camarada.⁶³

Esse fragmento tem muitas informações sobre o viajar pelo sertão que, por sua vez, mostrava-se labiríntico. Cada pista foi preciosa para os viajantes, como as farpas de algodão deixadas pelos tropeiros ao longo do caminho, o fio de Ariadne ensinado pelos moradores locais. Lugares que aqueciam a imaginação aparecem privilegiados, como as Catandubas, terra de medrosos e aventureiros, onde o viajante podia se sentir completamente desorientado, beirando o desespero.

“Catandubas” e tantas outras denominações de lugares alimentavam e tornavam viva a imaginação dos habitantes locais. O excerto seguinte – embora retirado de um documento com finalidades práticas, tratando da demarcação dos limites entre os municípios de Caculé e Caetité – mostra como o espaço era concebido na linguagem dos moradores:

Da *Lagôa do Galho Torto* a *Limeira de José Pinheiro*; dahi as *Lages*; deste ponto ao *Brejo*, na *Passagem velha*; dahi pelo rio abaixo ao *Comboio*, na casa de Eusebio de Britto e Silva, que ficará para Caetité; dahi pela estrada existente no *povoado de São João*, na *passagem do rio* do mesmo nome, na *passagem que vai para os Patos*, onde tem um grande pau ferro; dessa passagem pelo rio abaixo a *Fazenda do Rio Abaixo*, na casa do Manoel Marçal de Carvalho, e deste ponto por uma linha recta tirada

⁶³NEVES, João. “Notas de uma viagem de Caetité á S. Paulo”, *A Penna*, 08.01.1913, p.2.

de acordo com os dois Municípios do *morro da Samambaia*.⁶⁴

Postos à prova de um espaço com emaranhadas dificuldades, muitos habitantes do alto sertão desenvolveram o que podemos chamar de reconhecimento das dimensões naturais e geográficas através da experiência. Aziz Ab'Saber assinalou o que se constituiu historicamente como uma “acuidade prática do sertanejo em reconhecer diferentes tipos de terrenos, seguindo uma empírica percepção geoecológica”.⁶⁵ Uma acuidade aprendida também com as errâncias. No entanto, não cessava a imaginação de vislumbrar lugares desconhecidos, perigosos, onde o viajante poderia estar perdido.

Considerações finais

O vale das Catanduvras representa o “lugar por excelência do errar e do se perder” – espaço labiríntico que, na criação literária, pode ser entendido como a “quintessência do sertão”.⁶⁶ Em termos históricos, trata-se de um espaço cujo imaginário criado acerca dele não se deixa esvaziar pelas explicações dicotômicas. Ao revisitar as fontes utilizadas neste texto, o propósito foi colocar em xeque percepções homogeneizadoras dos sertões baianos. Nesse sentido, este estudo insere-se na linha daqueles que buscam destacar as diversidades regionais e as variações de seus matizes, a fim de superar generalizações que até então molduravam a parte que se estendia para além do litoral e do Recôncavo.⁶⁷

Cabe ainda ressaltar que a palavra “rumo”, utilizada no título deste trabalho, possui duas significações que se complementam. De início, é um convite feito ao leitor para que acompanhe, através de documentos do início do século passado, andanças e percepções de lugares e paisagens que compreendem grande parte do interior baiano, terminando, por fim, nas temidas Catanduvras. Com efeito, também quer incitar o historiador atento aos desafios em estudar espaços, paisagens, fronteiras e regiões em suas (re)configurações históricas e imaginárias. Afinal, rumo “pressupõe direção de caminhada, eventualmente obstáculos superados ou a superar”.⁶⁸ Trata-se, portanto,

⁶⁴ Ata da sessão extraordinária do Conselho Municipal de Caetité, 17.19.1921 – grifos meus. Arquivo Público Municipal de Caetité/BA. *Fundo*: Intendência Municipal; *grupo*: Conselho Municipal; *série*: Atas das sessões do Conselho Municipal; *data-limite*: 1892-1922; *maço*: 05; *caixa*: 01.

⁶⁵ AB'SÁBER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 13, n. 36, 1999, p.18.

⁶⁶ Esse aspecto é tratado por Willi Bolle num estudo sobre *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Cf. BOLLE, 2004, *op. cit.*, p.47-89.

⁶⁷ Um balanço de recentes estudos que buscam superar generalizações acerca dos sertões baianos pode ser lido em PIRES, Maria de Fátima Novaes. História, historiografia e historicidade: tempos históricos, tempo presente. In: *Anais do 4º Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado*. Ouro Preto: UFOP, 2010, p.1-11.

⁶⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de Meneses. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvania Caiuby (orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p.3.

do desafio de investigar a historicidade de referências espaciais repletas de significados, para que, com isso, possa-se escrutinar os seus contextos socioculturais.

Artigo recebido em 12 de junho de 2013.

Aprovado em 30 de setembro de 2013.